

# OS NOMES GERAIS EM TRÊS LOCALIDADES MINEIRAS: CAMPANHA, MINAS NOVAS E PARACATU\*

**Eduardo Tadeu Roque Amaral\*\***

*Resumo:* O objetivo deste trabalho é investigar as propriedades dos nomes gerais (ou nomes genéricos) no português falado em Minas, tendo como *corpus* a língua oral de três municípios: Campanha, Minas Novas e Paracatu. A partir dos trabalhos de Halliday e Hasan (1995), Kleiber (1987), Mahlberg (2005) e Pelo (1986), foram selecionados um conjunto de dez nomes gerais: *coisa, gente, indivíduo, lugar, negócio, pessoa, pessoal, povo, trem* e *troço*. A análise da frequência de tais itens no *corpus* revela uma ocorrência maior dos nomes *coisa* e *pessoa*, os quais são também membros prototípicos de dois subgrupos identificados com base na ausência ou presença do traço [humano].

*Palavras-chave:* nomes gerais; falares mineiros; semântica.

## INTRODUÇÃO

■ O objetivo deste trabalho é descrever as propriedades dos nomes gerais (ou genéricos) no português falado em Minas, tendo como *corpus* a língua oral de três municípios: Campanha, Minas Novas e Paracatu. Por *nomes gerais* compreendemos aqueles itens de uma classe pequena de substantivos cuja definição é composta por traços muito genéricos e podem, por esse motivo, fazer parte de sintagmas nominais que se referem a entidades bem variadas.

Busca-se responder a questões como: quais nomes gerais são mais frequentes na língua oral das três localidades mineiras? Que particularidades semânticas esses itens apresentam? Tendo em vista que um nome geral como *trem* é geralmente associado ao falar mineiro, que relações podem ser estabelecidas entre a ocorrência desse item e os outros nomes gerais?

\* Agradeço aos alunos Fernanda Carla de Oliveira, Josimeire Lourdes de Sousa, Luana Moreira Galvão e Marcos Paulo Santos pela colaboração no tratamento dos dados.

\*\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: eduaralbh@uol.com.br

Convém destacar que existe uma variação na nomenclatura usada entre os autores. Em dicionários, alguns dos itens em estudo são incluídos entre as chamadas *palavras-ônibus*, conforme será mostrado na próxima seção. Em vários estudos sobre anáforas, principalmente os mais recentes sobre referenciação, os itens em questão são denominados como *termos* ou *nomes genéricos*. Koch (2004, p. 250, grifo nosso), por exemplo, afirma: “outra forma de retomada anafórica é a que se faz por meio de *nomes genéricos*, tais como *coisa, pessoa, negócio, criatura, indivíduo*”. No mesmo sentido, afirmam Marcuschi e Koch (2006, p. 393, grifo nosso): “Na língua falada, é muito comum a rotulação por meio de *nomes genéricos*, como *fato, problema, caso, circunstância* etc.”. No entanto, em trabalhos de outras linhas teóricas, conforme também será visto adiante, utiliza-se o rótulo *nomes* (ou *substantivos*) *gerais*. Neste trabalho, optaremos pela segunda inserção, evitando, assim, o termo *genérico*, bem utilizado nos estudos linguísticos para tratar da genericidade da referência.

Tendo como base teórica os estudos de Halliday e Hasan (1995), Kleiber (1987), Mahlberg (2005) e Mihatsch (2006), selecionamos, para este estudo, um conjunto de dez nomes genéricos: *coisa, gente, indivíduo, lugar, negócio, pessoa, pessoal, povo, trem, troço*. Os motivos para a escolha desse grupo de itens serão explicados adiante.

A organização deste texto é a seguinte: inicialmente, será visto qual é o tratamento que os nomes gerais recebem nas obras lexicográficas. Em seguida, serão apresentados os aspectos teóricos de trabalhos que, sob diferentes perspectivas, se ocuparam do tema. Posteriormente, será explicada a metodologia da análise, com as informações sobre o *corpus* que serviu para a pesquisa. Finalmente, será exposta a análise dos dados, após a qual virão as conclusões.

## O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO

Considerando que os itens objeto de estudo deste trabalho são muito gerais no seu significado, é importante ver o tratamento que recebem em obras lexicográficas. Vejam-se algumas informações contidas no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009 – DEHLP), no *Novo Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2009 – NDA) e no *Aulete Digital* (2012 – AD).

O DEHLP denomina alguns dos nomes gerais como *palavra-ônibus*, assim definida: “palavra, quase sempre de uso coloquial, cujas acepções são tantas que não comportam delimitação semântica formal (p.ex.: *troço, legal, bacana*)”. Essa definição é semelhante à do AD: “Palavra que é us. com muitos sentidos, ou para expressar diversas ideias vagas mais ou menos afins, em diferentes situações (p.ex.: *coisar, legal, troço*)”. O NDA, embora dê exemplo apenas de adjetivos, assim a define: “Aquele que tem larguíssimo número de acepções, prestando-se, dentro de uma certa faixa, à expressão de numerosíssimas ideias. Ex.: *bacana* (q. v.), *legal* (q. v.), que exprimem, praticamente, todas as ideias apreciativas”.

Algumas acepções para esses nomes recebem as marcas de *regionalismo, informalidade, brasileirismo* ou *popular*. É o que acontece, por exemplo, com *negócio, treco* e *troço*:

(1) **negócio:**

(1.1) Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Algo de que não se sabe ou não se lembra o nome; alguma coisa; Ex.: *por favor pegue esse n. aí* (DEHLP)

(1.2) Bras. Pop. Qualquer coisa ou objeto cujo nome não se sabe ou não se quer mencionar; TROÇO (AD)

(1.3) Bras. Pop. Fam. Qualquer objeto ou coisa; troço, trem (NDA)

(2) **treco:**

(2.1) Uso: informal. 1 - objeto que não se sabe ou não se quer nomear (tb. us. no pl.) (DEHLP)

(2.2) Bras. Pop. 1 Objeto ger. pequeno, sem grande valor; COISA; UTENSÍLIO: Havia uns trecos estranhos no canto da sala. [Tb. us. no pl.] (DA)

(2.3) Bras. Gír. 1. Qualquer objeto pequeno e mais ou menos insignificante; trem, terém.

(3) **troço:**

(3.1) Regionalismo: Brasil. Uso: informal. palavra-ônibus us. em lugar de qualquer fato ou objeto, mesmo que expletivamente; negócio, coisa; Exs.: *aritmética é um t. muito difícil de aprender; não gosto desse t. de ficar falando empolado* (DEHLP)

(3.2) 1 Bras. Gír. Coisa imprestável ou de pouco valor (...)

Bras. Mal-estar repentino: Teve um troço e caiu duro (AD)

(3.3) Qualquer objeto cujo nome não importa, ou não se sabe, ou não se quer declinar; coisa, negócio, trem, troféu, chorumela. [Sin., no RS (nessas acepç.): *xicaca*.]

Entre as acepções de *trem*, encontra-se uma relacionada ao seu uso como nome geral:

(4) **trem:**

(4.1) “Regionalismo: Minas Gerais, Goiás, Tocantins. Uso: informal. palavra-ônibus us. em lugar de qualquer fato ou objeto; troço, treco, coisa” (DEHLP)

(4.2) MG GO TO Pop. Qualquer objeto; COISA; TRECO (AD)

(4.3) Bras. MG C.O. Pop. Qualquer objeto ou coisa; coisa, negócio, treco, troço (NDA)

De modo geral, observa-se que as acepções dos dicionários apresentam esses nomes como palavras que podem ser usadas em lugar de objetos ou fatos cujos nomes não se sabe, não se lembra ou não se quer mencionar. Além disso, em algumas acepções são definidos como algo de pouco valor. Curiosamente, nas acepções acima, as obras não utilizam o termo *palavra-ônibus*, por elas mesmas definido. Também é possível observar que os dicionários apresentam definições de certa forma semelhantes para os itens exemplificados. A análise que será desenvolvida mostrará, entretanto, aspectos particulares desses e de outros nomes gerais.

## ASPECTOS TEÓRICOS

Desde que Halliday e Hasan (1995) trataram dos nomes gerais (*general nouns*) em sua obra sobre coesão, alguns pesquisadores têm retomado o tema para estudá-los sob diferentes perspectivas teóricas. De acordo com os autores, um *nome geral* (*general noun*) pode ter função coesiva porque é “um caso limítrofe entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado)” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 274). São exemplos da obra citada, mantidos como no original:

*people, person, man, woman, child, boy, girl* [human]  
*creature* [non-human animate]  
*thing, object* [inanimate concrete count]  
*stuff* [inanimate concrete mass]  
*business, affair, matter* [inanimate abstract]  
*move* [action]  
*place* [place]  
*question, idea* [fact] (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 274).

Ainda segundo os autores, de um ponto de vista lexical, os *nomes gerais* são membros superordenados de grandes conjuntos lexicais (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 275)<sup>1</sup>, mas, de um ponto de vista gramatical, a combinação desses itens com um determinante específico seria bem semelhante a um item referencial.

Embora o tema tenha sido retomado por outros trabalhos, a lista de nomes gerais apresentada varia bastante entre os diferentes estudos. A seguir, será descrito o conteúdo de alguns deles.

Pelo (1986) analisa o comportamento dos seguintes itens na imprensa italiana: *fatto, cosa, problema, situazione, fenomeno, argomento, idea, motivo, questione, gente, affare, bene, faccenda, circostanza, vicenda, dato, opera, caso*. Nos dados da autora, quase metade da amostra é constituída pela ocorrência de *fato* (*fatto*). O item *coisa* (it. *cosa*) tem uma ocorrência bem inferior, o que leva a autora a associar o uso desse nome a contextos formais e orais. Essa observação feita para o italiano encontra correspondência nas análises de *coisa* do português, como será destacado adiante na análise.

Um trabalho de grande importância sobre o item *coisa* (fr. *chose*) é o de Kleiber (1987). O autor observa inicialmente que *chose* possui um caráter semântico vago e geral de palavra-camaleão (*mot-caméléon*), mas que possui um papel discursivo plenamente relevante. Kleiber se interroga sobre o lugar e o papel discursivo desse substantivo e questiona qual seria o seu estatuto com relação aos outros substantivos. O autor, após discutir questões sobre a tese clássica de que *chose* seria empregado para inanimados, em oposição aos animados indeterminados, compara seu uso ao do demonstrativo neutro *ça/c'/ce*, o que o leva à tese de ausência de denominação. Nesse sentido, para o autor, a palavra *chose* teria um caráter de falso nome contável (*nom comptable postiche*) e serviria fundamentalmente para referir ou qualificar as entidades desprovidas de nome ou apreendidas como tal.

Mais recentemente, Mahlberg (2005) apresenta uma análise de nomes gerais, tendo como base teórica uma abordagem da linguística de *corpus* – a motivação

1 Sobre a questão dos nomes gerais em uma hierarquia lexical, veja-se Mihatsch (2002).

inicial de sua pesquisa também foi o estudo de Halliday e Hasan (1995). Nesse sentido, a autora considera que o significado não poderia ser descrito sem o contexto em que ocorre e que ocorrências repetidas de palavras formariam a base da descrição do significado. Na obra de Mahlberg (2005, p. 37), cumprem papel central os seguintes pontos: nomes gerais são nomes frequentes; nomes gerais são caracterizados por funções textuais locais. A autora seleciona vinte itens para análise, escolhidos a partir da frequência no *Bank of English Corpus*: *time, year, people, years, world, way, day, life, man, part, end, women, place, things, men, business, family, thing, times, woman*. De cada item, são observadas cem linhas de concordância, o que permite à autora verificar os significados presentes nos contextos locais. Ao final do seu trabalho, Mahlberg (2005, p. 182) esclarece que, pelo fato de o número de dados de língua oral ser baixo no *corpus* utilizado, não foi possível discutir questões relacionadas à língua falada. Como se vê, essa é uma questão que permanece aberta para novas pesquisas.

No Brasil, autores que trabalham com anáforas retomam as ideias de Halliday e Hasan (1995). Em dissertação dos anos 1980, Fulgêncio (1983, p. 24-25) chamava a atenção para casos do que a autora denominou “anáforas do tipo troço”:

*Ao analisarmos o português oral encontramos expressões que julgo tratar-se de anáforas [...]. Este é o caso de palavras como coisa, trem, negócio, troço, que não têm sentido próprio, mas que são, como os demais tipos de anáforas, semanticamente polivalentes, com uma matriz semântica pouco especificada, e inseridas no texto em substituição a um determinado segmento. Geralmente esse tipo de palavra é usado quando o falante não consegue se lembrar imediatamente do vocábulo adequado, mas acredita que o ouvinte consiga depreender o seu significado e identificar o seu referente através do contexto e da paisagem mental que o ouvinte vai criando a partir de elementos evocados.*

Mais recentemente, conforme foi comentado no início deste trabalho, estudos que se dedicam aos diferentes tipos de anáfora fazem referência a esse conjunto de itens (cf. KOCH, 2004; MARCUSCHI; KOCH, 2006; ZAMPONI, 2003). Mas nenhum desses trabalhos chegou a discutir propriedades semânticas dos nomes gerais ou uma possível subdivisão deles – observe-se que Fulgêncio (1983) fala apenas em “matriz semântica pouco especificada”. De modo geral, o destaque é para o uso fórico que podem apresentar.

A respeito dos nomes gerais na língua oral, nenhum dos trabalhos chega a explorar a questão. Inicialmente, convém mencionar que já Halliday e Hasan (1995, p. 276) completam que o conjunto dado dos nomes gerais pode ser ampliado por um grupo de gírias que se diferem de um grupo social ou de uma geração a outra (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 276). Para Koch (2004, p. 250), “a seleção do termo [genérico] anafórico pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores”. Como exemplo da sua hipótese, ela continua: “O uso de ‘trem’ (= coisa) seria, provavelmente, indicativo do dialeto mineiro, enquanto *cara* indicaria o estilo coloquial ou da gíria, e *companheiro*, *camarada* poderiam ter, dependendo do contexto discursivo, conotações políticas”. Mas a autora não chega a desenvolver tais hipóteses.

A partir de uma comparação entre os estudos citados, obtém-se o seguinte panorama: 1. existe, nas línguas naturais, uma categoria de itens que são usa-

dos como nomes gerais; 2. esses itens têm sido estudados sob diferentes perspectivas, com predominância para sua função fórica; 3. não existe um conjunto fechado de itens a serem considerados nomes gerais e muito menos uma proposta para a definição desse conjunto; 4. nenhum desses trabalhos observou o comportamento de nomes gerais em dados gravados de língua oral. Todos esses fatos justificam a iniciativa da análise proposta neste trabalho, a qual explora ocorrências de nomes gerais na fala do estado de Minas Gerais.

Voltando aos estudos de Halliday e Hasan (1995), Mahlberg (2005) e Pelo (1986), observa-se que eles têm em comum a inclusão de itens equivalentes a *coisa* (*thing* e *stuff* (ing.); *cosa* (it.)); *negócio* (*business* (ing.); *affare* e *faccenda* (it.)); e *pessoas*, *pessoal*, *povo* ou *gente* (*people* (ing.); *gente* (it.)). Baseando-se nessas semelhanças, que também podem ser observadas nas três primeiras colunas do Quadro 1, selecionamos os itens da última coluna para a análise neste trabalho. A seleção da última coluna contempla, além de itens que são recorrentes nos trabalhos citados, outros que denotam sujeitos únicos, como *indivíduo* ou *pessoa*, e outros que equivaleriam a *coisa* e parecem ser comuns na oralidade, como *trem* e *troço*.

**Quadro 1** – Nomes gerais em diferentes estudos e neste trabalho

Halliday e Hasan (1995)	Mahlberg (2005)	Pelo (1986)	Itens selecionados do corpus deste trabalho
<i>affair</i>	<i>business</i>	<i>affare</i>	<b>coisa</b>
<i>boy</i>	<i>day</i>	<i>argomento</i>	<b>gente</b>
<i>business</i>	<i>end</i>	<i>bene</i>	<b>indivíduo</b>
<i>child</i>	<i>family</i>	<i>caso</i>	<b>lugar</b>
<i>creature</i>	<i>life</i>	<i>circostanza</i>	<b>negócio</b>
<i>girl</i>	<i>man</i>	<i>cosa</i>	<b>pessoa</b>
<i>idea</i>	<i>men</i>	<i>dato</i>	<b>pessoal</b>
<i>man</i>	<i>part</i>	<i>faccenda</i>	<b>povo</b>
<i>matter</i>	<i>people</i>	<i>fatto</i>	<b>trem</b>
<i>move</i>	<i>place</i>	<i>fenomeno</i>	<b>troço</b>
<i>object</i>	<i>thing</i>	<i>gente</i>	
<i>people</i>	<i>things</i>	<i>idea</i>	
<i>person</i>	<i>time</i>	<i>motivo</i>	
<i>place</i>	<i>times</i>	<i>opera</i>	
<i>question</i>	<i>way</i>	<i>problema</i>	
<i>stuff</i>	<i>woman</i>	<i>questione</i>	
<i>thing</i>	<i>women</i>	<i>situazione</i>	
<i>woman</i>	<i>world</i>	<i>vicenda</i>	
	<i>year</i>		
	<i>years</i>		

Fonte: Elaborado pelo autor.

## METODOLOGIA

Para este estudo, foi usado o *corpus* de Amaral (2003), que contém transcrições de 23 gravações de língua oral feitas nos anos 2001 e 2002 nos municípios de Campanha, Minas Novas e Paracatu (MG). Essas localidades têm característi-

cas históricas semelhantes: foram fundadas durante o século XVIII e constituíram pontos secundários da mineração. Com relação à distribuição geográfica dos pontos, considerando a divisão do Estado em macrorregiões, a cidade de Paracatu está situada no noroeste; Minas Novas, no Jequitinhonha; e Campanha, no sul de Minas. Nesse sentido, os resultados apresentados contemplarão a fala de diferentes pontos do estado. O *corpus* contém aproximadamente 55 mil palavras.

Para a análise, foi observada a frequência de cada nome geral, incluindo as variações de número, quando havia. No caso de *gente*, não foram consideradas as ocorrências pronominais de *a gente*.

## ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* apresentou 322 ocorrências de nomes gerais, distribuídas conforme a Tabela 1:

**Tabela 1** – Ocorrências de nomes gerais no *corpus*

Nome geral	Ocorrências	Porcentagem
coisa	110	34,2%
pessoa	75	23,3%
gente	39	12,1%
lugar	34	10,6%
pessoal	27	8,4%
povo	20	6,2%
negócio	13	4,0%
trem	2	0,6%
indivíduo	1	0,3%
troço	1	0,3%
Total	322	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como é possível observar pela Tabela 1, o item que lidera o número de ocorrências é *coisa*. Em segundo lugar, encontra-se o nome *pessoa*. Por esse motivo, podem ser considerados como os exemplares mais prototípicos da categoria dos nomes gerais, tema ao qual voltaremos mais adiante.

As observações acima conduzem-nos a uma primeira subdivisão entre os itens selecionados para este trabalho. Embora os nomes gerais tenham um significado composto por traços muito genéricos, é possível agrupá-los a partir desse significado. A primeira distinção pode ser feita pela ausência ou presença do traço [humano]. Dessa forma, tem-se um primeiro subgrupo formado pelos substantivos que possuem, essencialmente, o traço [-humano]: *coisa*, *lugar*, *negócio*, *trem*, *troço*; e um segundo subgrupo cujos membros possuem, necessariamente, o traço [+humano]: *gente*, *indivíduo*, *pessoa*, *pessoal*, *povo*. Entre os pri-

meiros, diferencia-se ainda o item *lugar*, que pode ser caracterizado como [-humano] e essencialmente [+lugar]. Entre os segundos, é possível caracterizar *gente*, *pessoal* e *povo* como [+humano] e [+coletivo], enquanto *indivíduo* e *pessoa* seriam [+humano] e [-coletivo].

Serão discutidas, a seguir, as propriedades dos membros do primeiro grupo e depois as do segundo, começando pelos itens mais frequentes de cada conjunto. Serão observados os possíveis traços semânticos dos itens, tendo como de partida a caracterização de Halliday e Hasan (1995).

### Coisa

Conforme comentado a partir dos resultados acima, pode-se considerar o item *coisa* como o nome geral prototípico para o subgrupo com traço [-humano]. A noção de prototipicidade se define a partir da frequência, o que também lhe confere possibilidade para substituir outros itens. Nesse sentido, a exemplo do que postula uma teoria de protótipos padrão para a categorização de entidades (KLEIBER, 1995), no caso do conjunto dos nomes gerais de traço [-humano], é possível afirmar que *coisa* é um exemplar mais idôneo para representar os outros itens desse grupo.

O nome *coisa* não é, em geral, utilizado para referir-se a pessoas. Por isso, sua inclusão no subgrupo de itens com traço [-humano]. No entanto, no exemplo (5) a seguir, que apresenta um dos referentes mais genéricos do *corpus*, *coisa* teria como referente fatos, objetos e inclusive pessoas. Em (6), tem-se também um alto grau de genericidade, embora seja difícil falar na possibilidade de se ter um referente [+humano]. Nesses exemplos, as interpretações seriam, respectivamente: “algo ou alguém de que se pode temer” e “algo que se pode dever”.

(5) que toda vida eu fui assim meia... meia levantada sabe? eu nunca... tive medo das **coisa** (AMARAL, 2003, p. 213)<sup>2</sup>

(6) que talvez ele pode tê murrido deveno alguma **coisa**... (p. 212)

Na maior parte dos casos de *coisa* do *corpus*, têm-se referentes inanimados, que podem ser abstratos, como em (7), ou concretos, como em (8). Do primeiro caso, são ao todo setenta ocorrências no *corpus* e, no segundo, 31.

(7) eles fala muita **coisa** que tem a ver com a vida da gente né? (p. 195)

(8) ele era carpintero e fabricava **coisas** maravilhosas (p. 153)

Para seres animados, encontram-se cinco ocorrências, sendo uma para animais, como em (5), e outras quatro para seres imaginários, como em (6):

(9) agora **coisa** de minimo eu caicei dimais... passarim que a gente caçava sabe?... perdizes (p. 210)

(10) mas o pé perdia no vazio... num tinha nada... quanto mais nós curria mais aquilo curria pariava assim c[om] a gente... a (gente fundava) o pé na **coisa** mais... parece que o pé entrava/no ar... num tinha nada (p. 221)

2 As páginas indicadas se referem ao *corpus* que consta em Amaral (2003).



Por fim, vale ressaltar a ocorrência em que *coisa* aparece após um verbo de cópula, em posição típica de um sintagma adjetivo. Embora tenha sido o único exemplo do *corpus*, valeria a pena averiguar se é um uso corrente no português falado.

- (11) é na Igreja do... São Francisco que acontece essa festa... festa (fica) boa pa caramba... agora a do Rusário é mais **coisa** né? (p. 167)

### Negócio

A análise dos casos de *negócio* revela que, da mesma forma que com *coisa*, prevalece o uso para entidades inanimadas, se comparados às duas únicas ocorrências de ser animado, as quais também têm como referentes seres imaginários, como se vê em (12).

- (12) lá em casa tinha um/um **negócio**... intão quand[o] a lua tava bunita era principalmente que esse **negócio** apresentava... ma[s] só que cê num via (p. 212)

Mas, diferentemente dos exemplos com *coisa*, as ocorrências mostram um equilíbrio entre as formas para entidades inanimadas abstratas, como em (13) e concretas, como em (14): são seis ocorrências para cada tipo. Neste último, o referente são peças de artesanato.

- (13) Bruno... e o **negoço** que ê fez lá com... com a Andréia (p. 158)  
 (14) essas dona que faz aquês **negoço** de barro de madeira né? (p. 170)

Essa diferença entre as ocorrências entre *coisa* e *negócio* leva-nos à hipótese de que o nome geral *negócio* tem uma tendência maior a ser usado para entidades concretas. Mas, como o número de dados não é alto, não há como verificar essa hipótese neste momento.

### Trem

Ao contrário do que se esperava, o *corpus* revelou apenas duas ocorrências de *trem*. Em (15), tem-se um referente animado não humano, que corresponde a um animal. A outra ocorrência possui como referente uma entidade abstrata, que corresponde à vida na roça – exemplo (16).

- (15) tinha um **trem** bulino den[tro] desse quarto aí bulino bulino eu levantei cindi a luz ( ) oiá... tinha um frango carijó... era/ele era... todo peladinho... (p. 213)  
 (16) é o **trem** mais gostoso num é? (p. 209)

Como a ocorrência desse item é geralmente associada aos falares de Minas Gerais<sup>3</sup>, esperava-se que o *corpus* utilizado fosse apresentar um número maior de exemplos. Acredita-se que esse baixo número se deva ao tipo de entrevistas

realizadas. Como geralmente os falantes, durante as gravações, falavam de temas conhecidos como família, cidade, vida pessoal, teria havido um ambiente pouco propício para a realização de *trem*. Por isso, outros dados precisariam ser analisados para verificar essa hipótese. Acredita-se ser necessário que se crie um contexto comunicativo que possa favorecer a ocorrência desse nome geral. De qualquer forma, essas raras ocorrências de *trem*, se comparadas às dos demais nomes gerais, permitem-nos concluir que esse item não constitui o recurso mais frequente entre os falantes do português de Minas para algo cujo nome não se sabe ou não existe ou se apreende como não existente.

### Troço

A única ocorrência de *troço* é a seguinte, em que se faz referência a uma entidade inanimada concreta, um espaço físico, provavelmente uma casa.

(17) e ele fez ua casa logo ali sendo que tem a casa da igreja do Rusário pra baxo né? tinha casa né?... é doido de morá num **troço** daquele (p. 191)

Por ser o único caso, não é possível apresentar conclusões a respeito de *troço*.

### Lugar

Para denotar espaço físico, o português dispõe de itens como *local*, *lugar* ou *região*, os quais parecem variar segundo a extensão territorial abrangida. Os exemplos com *lugar* no *corpus* referem-se desde a um espaço concreto de pequena extensão, como o de uma escadaria em (18) ou de senzala em (19), a uma cidade ou região indefinida no mundo, como em (20):

(18) aqui no museu tem uma iscada que ele fez... ele fez... é um dislumbro puque a de lá é toda reta e a dele é curva... intão tem uma parte curva e a outra convexa... pra cabê no **lugar**... com os mesmos... (p. 153)

(19) aqui tem a Rádio Bom Sucesso aonde lá diz que tem o **lugá** aonde... os iscravo ficaram (p. 186)

(20) pode os **lugares** mais lindos do mundo oferecê (conforto) que a gente... quem ama Paracatu não sai... (p. 202)

Com frequência bem pequena, encontra-se também o item *lugar* referindo-se a um lugar abstrato, como é o caso de (21).

(21) **Romário** é bom... tem lugá pra ele na Copa (p. 182)

### Pessoa

Considerando os nomes gerais que possuem o traço [+humano], recebe destaque o item *pessoa*, cujas ocorrências totalizaram 23,3% dos dados coletados, conforme demonstrado pela Tabela 1. Pode-se assim caracterizar esse item também como protótipo para aqueles nomes que são usados para se referir a enti-

dades humanas. Seja em sua forma no singular, seja no plural, poderia facilmente substituir os demais nomes gerais desse segundo grupo.

Entre as ocorrências com *pessoa*, verifica-se que são mais tipicamente genéricas aquelas em que não há um referente específico, como é o caso de (22) e (23), em que se pode parafrasear o sintagma *ũa pessoa* por “um indivíduo qualquer”:

(22) se... por um acaso um dia acontecê de cloná **ũa pessoa** (p. 185)

(23) e falei “pelo meno o fogo fica claro se entrá **ũa pessoa** tô veno né?” (p. 214)

Mas, em muitos casos, o item *pessoa* aparece em estruturas copulativas, como em (24):

(24) o professor Milton... e a isposa dele também é uma **pessoa** muito culta (p. 159)

No caso das ocorrências com plural, seja com a marca de plural no nome ou somente no determinante, o item *pessoa* é usado em sintagmas que fazem referência a indivíduos que têm algum traço específico e não com a interpretação “pessoas quaisquer”. Nesse sentido, em (25) a referência é feita a antigos moradores de Minas Novas e em (26) aos pobres que moravam na roça.

(25) tem várias **pessoas** hoje que... saiu daqui e se deu bem lá fora (p. 182)

(26) naquele tempo lá as **pessoa** que era mais pobe assim num istudava (p. 147)

## Gente

Como foi mostrado pela Tabela 1, *gente* é o nome geral de traço [+humano] com segunda maior frequência, num total de 39 ocorrências<sup>4</sup>. Desse total, é importante destacar que, na maioria dos exemplos, o nome *gente* ocorre precedido por um quantificador como *bastante*, *pouca*, *muita* e *tanta*, com grande preferência para *muita*. Com efeito, a composição *muita gente*, que totaliza 19 ocorrências, está presente em dados dos três municípios pesquisados, Campanha (27), Minas Novas (28) e Paracatu (29):

(27) daqui de Campanha saiu **muita gente** (p. 163)

(28) puque tinha que mudá pa lá... que **muita gente** teve que i[r] (p. 194)

(29) **muita gente** é contrária à revolução (p. 200)

Nas outras ocorrências, o nome geral *gente* ocorre sem um padrão específico, mas mantendo seus traços de [+humano] e [+coletivo], como em (30) e (31):

(30) tem **gente** que nem sabe quem são os candidatos a senador a deputado (p. 165)

(31) cê via baruiu de **gente** conversano (p. 213)

4 Não foram consideradas as expressões cristalizadas com *gente*, como *gente fina* (ex. (i)) e *entender-se por gente* (ex. (ii)), nem, como já informado, o pronome *a gente*:

(i) ... é um negro inteligente... educado... gente fina... amigo do papai (p. 204).

(ii) vim pra Paracatu com quatro anos e quando eu me intendi pur gente (p. 206).

### **Pessoal**

O nome *pessoal*, embora contenha os traços de [+humano] e [+coletivo], é usado para uma referência a um conjunto menor ou maior de indivíduos. Dessa forma, em (32), o sintagma que contém esse nome refere-se aos familiares de uma pessoa; em (33), aos moradores de Paracatu.

- (32) tem... o **pessual** lá de Paricida lá na rua pa baxo da da cadeia (p. 193)  
 (33) coisa do início do século... como é assim no sintido pejorativo ingraçado... o **pessoal** ainda comenta... e vai passano de geração em geração (p. 206)

### **Povo**

Da mesma forma que *pessoal*, o nome *povo* é usado para uma referência a um conjunto maior ou menor de indivíduos. No exemplo (34), a primeira ocorrência de *povo* refere-se aos moradores de Paracatu e, na segunda ocorrência, a uma família:

- (34) o pai dele tinha um apilido... ( ) S.... e o **povo** falava “o **povo** de S.” (p. 206)

Com respeito ao uso do nome geral *povo* em lugar de *família*, observe-se que uma das moradoras de Paracatu, presente durante a entrevista, comenta esse fenômeno:

- (35) *Informante 3*: a família de CF... intão... família do CF... aqui substitui muito *família* pur **povo**... cê num acha não?... povo de CF... ah tem CR também (p. 207)

De modo geral, não foi possível perceber uma distinção semântica entre os usos de *pessoal* e *povo*. Talvez a observação em outros dados possa revelar uma diferença entre esses nomes gerais.

### **Indivíduo**

O nome geral *indivíduo* mostrou-se raro no *corpus*, com apenas uma ocorrência, exposta em (36). Registre-se também que foi coletado em fala de informante de Paracatu com nível mais alto de escolaridade. De fato, o entrevistado era considerado uma das pessoas cultas da cidade. Acredita-se que seja mais comum na fala de indivíduos com maior escolaridade.

- (36) naquela época... pra um **indivíduo** chegá... a reclamá algũa coisa no Ministério (p. 200)

### **CONCLUSÃO**

A análise apresentada aqui constitui o primeiro estudo de nomes gerais em dados de língua oral do português falado em diferentes regiões de Minas. A partir da observação da frequência dos dados e dos traços de cada nome, é possível apresentar as seguintes conclusões (ou hipóteses):

1. o item *coisa* é o nome geral por excelência do português falado nas localidades pesquisadas;
2. o item *coisa* ocorre com maior frequência para referências a entidades inanimadas;
3. se comparado à *coisa*, haveria uma tendência do nome *negócio* a ser mais usado para entidades concretas;
4. a baixa frequência de itens como *trem* e *troço* se justifica, parcialmente, pelo tipo de coleta de dados orais;
5. entre os nomes gerais para humanos, o item *pessoa* é o que tem maior frequência;
6. o item *indivíduo* tende a ter baixa frequência nos dados de língua oral;
7. o nome *gente* tende a ocorrer acompanhado por um quantificador, especialmente *muita*;
8. os nomes *pessoal* e *povo* apresentam usos equivalentes.

Conforme já comentado, para alguns itens, os dados não permitiram conclusões contundentes. De qualquer modo, considerando que os nomes gerais não constituem uma classe grande de membros e, mesmo entre eles, há alguns que se sobressaem, como é o caso de *coisa* e *pessoa*, a análise apresentada fornece resultados satisfatórios para a delimitação do conjunto de itens lexicais que têm potencial para ser um nome geral. Uma pesquisa em outros *corpora*, inclusive com dados coletados a partir de situações que propiciem a ocorrência de uma diversidade maior de nomes gerais, certamente refinaria a descrição das propriedades linguísticas desses elementos na língua oral.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. T. R. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- AULETE Digital [AD]: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 2 jan. 2012.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio* [NDA]. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba: Positivo Informática, 2009. 1 CD-ROM.
- FULGÊNCIO, L. *O problema da interpretação dos elementos anafóricos*. 1983. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. ed. London, New York: Longman, 1995 [1976].
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* [DEHLP]. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- KLEIBER, G. Mais à quoi sert donc le mot *chose*? Une situation paradoxale. *Langue Française*, v. 73, p. 109-128, 1987.
- KLEIBER, G. *La semántica de los prototipos: categoría y sentido léxico*. Madrid: Visor Libros, 1995.

- KOCH, I. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.
- MAHLBERG, M. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G.V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. v. 1: Construção do texto falado.
- MIHATSCH, W. De plantas, animales y (otros) objetos: lexemas cultos genéricos entre léxico y gramática. In: VEIGA, A.; GONZÁLEZ PEREIRA, M.; SOUTO GÓMEZ, M. (Ed.). *Léxico y gramática*. Lugo: Tris Tram, 2002. p. 237-248. (Linguas e linguística; 3)
- MIHATSCH, W. *Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 2006.
- PELO, A. I “nomi generali” nella lingua dei giornali italiani. In: LICHEM, K.; MARA, E.; KNALLER, S. (Ed.). *Parallela 2: aspetti della sintassi dell’italiano contemporaneo*. Atti del 3° incontro italo-austriaco di linguisti a Graz (28-31 maggio 1984), Gunter Narr, Tübingen, 1986, p. 205-214.
- RAMOS, J. O surgimento de um nome geral: a história da palavra *trem*. In: RAMOS, J.; COELHO, S. *Português brasileiro não padrão: ensaios gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras. No prelo.
- ZAMPONI, G. *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

AMARAL, E. T. R. General nouns in three localities in the State of Minas Gerais: Campanha, Minas Novas and Paracatu. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.

**Abstract:** *The purpose of this study is to investigate the characteristics of general nouns (or generic nouns) in the Portuguese spoken in the state of Minas Gerais. The corpus was the spoken language of three municipalities: Campanha, Minas Novas and Paracatu. Based on the works of Halliday and Hasan (1995), Kleiber (1987), Mahlberg (2005) and Pelo (1986), a list of ten general names was selected: coisa, gente, indivíduo, lugar, negócio, pessoa, pessoal, povo, trem and troço. The analysis of the frequency of such items in the corpus reveals a higher occurrence of the names thing and person, words which are also prototypic members of two subgroups identified by the absence or presence of the trace [human].*

**Keywords:** *general nouns; “mineiro” speech; semantics.*

Recebido em janeiro de 2012.

Aprovado em janeiro de 2012.